

## Programa Observatório da Educação Relatório Anual 2014

**Projeto:** “Desafios da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional: identidade dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais”.

Cathya Miguel

Bolsista Iniciação Científica – NEJA/UFES/OBEDUC/CAPES/INEP

**Relatos de uma pesquisadora observadora participante.**  
***O que você é? Aluna, estagiária ou professora?***<sup>1</sup>

### FEVEREIRO

Percebi nesse mês uma certa resistência das professoras com relação a minha entrada na sala de aula do 1º segmento. Elas alegaram que a sala tinha poucos alunos e uma quantidade já suficiente de professores; não discordo delas, porém, não recebi nenhum acolhimento positivo independente disso.

Foi nesse momento que decidi participar da aula do 2º segmento no NEJA/UFES. Fui bem recebida pela professora de português, Angela, que naquele dia formava dupla com o professor Leonardo, de história. Eles trabalhavam o poema “Minha cidade” de Cora Coralina. Nesse mês não cheguei a acompanhar as aulas de matemática e inglês porque estava resolvendo pendências do portal do Fórum de EJA no NEJA. Pude acompanhar por uma aula a dupla Alessandra e Vivian, que ministram artes e ciências, respectivamente; elas trabalharam com a temática Acessibilidade para Deficientes – adaptações e normas.

Achei interessante nessa aula um diálogo que surgiu entre o professor Gessé e o aluno Gilmar, Gessé comentou comigo: “conheço fulana. Ela poderia ser até

---

<sup>1</sup> Pergunta feita pela maioria dos alunos após minha entrada/participação da rotina na sala de aula nas turmas de 1º e 2º segmento da Escola Municipal de Ensino Fundamental na modalidade Educação de Jovens e Adultos “Admardo Serafim de Oliveira” (EMEF EJA “ASO”).

política, se candidatar porque conhece muita gente”; Gilmar disse: “oxe! Não estrague a mulher não. Ela é boa agora enquanto não é política”.

Esses e outros diálogos dos alunos podem ser aprofundados para tratarmos de assuntos políticos, no qual a temática cidade educadora está envolvida e os alunos podem ter interesse/curiosidade de estudar.

Na última reunião de bolsistas do NEJA no mês de fevereiro, solicitei mudança de espaço (do 2º segmento NEJA/UFES para o IFES) devido à preocupação com o foco de pesquisa, que ainda não tinha definido naquela data.

## **MARÇO**

Iniciei o processo de pesquisa no Ifes. No dia 11, após conversar com Zezé, participamos de uma homenagem feita pelo Programa Mulheres Mil em comemoração ao “Dia da mulher”. Na sala da coordenação do PROEJA iniciamos (eu e Poliane) a organização das lembranças (flores e recados) para as mesmas. Logo após, quando a Edna Scopel chegou, conversou conosco e nos apresentou o espaço.

Scopel frisou que o nosso interesse de pesquisa vai surgindo de acordo com os diálogos, ações e interesses que acontecem durante a própria pesquisa, naquele caso, na atividade do PROEJA. Ela nos orientou na busca do cadastro de antigos alunos, para focarmos no que esses alunos estavam fazendo após o curso. Nesse meio tempo, participei de uma reunião com os bolsistas do NEJA e professora Edna, onde dialogamos apoiados de nossas sínteses do livro "Textos sobre Educação e Ensino" de Karl Marx e Friederich Engels.

Ainda no Ifes, cheguei a fazer algumas consultas sobre escolas que os egressos estudaram e o ano como início de pesquisa.

Porém, já estava decidida, no dia 18 de março, a retornar para a pesquisa na sala de aula; inquieta sobre a necessidade de um ponto de pesquisa específico. Fui até o Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE e conversei diretamente com a professora Edna Castro de Oliveira, informando que precisávamos acordar

um tema específico para eu analisar no universo de possibilidades que ocorrem na sala de aula. Edna prontamente entendeu a solicitação, acatou a ideia e sugeriu o que eu já esperava: alfabetização na EJA/ apropriação da leitura e escrita por jovens e adultos, vinculados à EMEF Admardo.

## **ABRIL**

Durante a primeira reunião do grupo de bolsistas OBEDUC do mês de abril falamos da necessidade de tentar organizar o subprojeto já solicitado pela professora coordenadora do núcleo – Edna Castro. Ela sugeriu alguns autores e livros para pesquisarmos e acompanharmos publicações.

Na mesma semana, na reunião de formação na EMEF EJA Admardo Serafim de Oliveira (“ASO”), a pauta estava organizada para os assuntos relacionados a comemoração dos 50 anos do golpe militar. Toda a discussão daquela sexta-feira, 04 de abril de 2014, ficou voltada para um debate atual e um resgate histórico sobre aquela época.

A professora Edna relatou algumas experiências vividas no período em que o escritor Paulo Freire viveu num exílio político, época na qual ela só pôde ler as obras dele no Canadá. Foi também debatido nesse dia de formação temas possíveis para as atividades curriculares complementares (ACC's).

No dia 10 de abril fizemos a aula de campo no Parque Fonte Grande; as turmas envolvidas eram do NEJA, SEMNAM, Sede e Pólo Integral. Os professores envolvidos na atividade participaram e fizeram as trilhas conosco. Fizemos os registros fotográficos das áreas observadas e os alunos fizeram as anotações dos pontos que lhe chamaram mais atenção. Essa é uma das ações da escola que merece ser analisada e ainda mais explorada, na tentativa de que outras **estratégias e práticas** possam acontecer e colaborar no processo de aprendizado desses grupos.

Numa outra reunião do grupo, na metade do mês de abril, a professora fez a indicação do livro “Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos” de

Sérgio Antônio da Silva Leite. Esse livro tem como foco principal duas questões que permeiam também a nossa pesquisa: afetividade e letramento. “A afetividade é um marco para compreender o fazer pedagógico, permitindo entender os sucessos e fracassos do **relacionamento educador-educando**.” (LEITE, 2013).

Antes de fazer a leitura do conceito de letramento que o autor explica no livro, me debrucei primeiramente no conceito afetividade. Algumas inquietações surgiram na minha cabeça apenas ao ler a apresentação desse livro, principalmente porque tocou nesse ponto – a afetividade (ou falta de)/ afeto/ afetar – fazendo lembrar algumas cenas vivenciadas durante a tentativa de entrada na sala de aula na sala de 1º segmento do NEJA/UFES da EMEF EJA “ASO”.

## **MAIO**

Neste mês, não tenho o que descrever com relação a minha participação na pesquisa porque passei por um acidente de carro, que impossibilitou minha participação. Além disso, a EMEF EJA "ASO" enfrentava um período complicado porque os professores da rede municipal entraram em greve, porém **se considerarmos as estratégias e práticas possíveis**, a escola criou algumas estratégias e desenvolveu práticas para não perder o contato com os estudantes e prevenir a tão temida "evasão" no retorno da greve.

Interessante ressaltar neste ponto que, dos alunos que tenho acompanhado desde o início do semestre na sala do 1º segmento, apenas uma aluna parou de frequentar a sala de aula. A sala de aula é composta por aproximadamente dez alunos, sendo cinco mulheres e entre essas três idosas, mais três jovens e outros dois alunos público-alvo da educação especial.

## **JUNHO**

No dia 13, em reunião na EMEF EJA “ASO” definimos durante o conselho que eu iria acompanhar práticas de leitura e escrita juntamente com professores e alunos do 2º segmento e a professora e coordenadora do NEJA, Edna Castro, acompanharia, quando possível, a turma do 1º segmento.

Nesse mesmo dia de conselho, inclusive, pude falar da dificuldade de leitura de um aluno do 2º segmento. Gilmar é dono de uma oratória incrível que omite para qualquer ouvinte a sua dificuldade de leitura. Ele é um dos casos de alunos que vira e mexe me pergunto: ele deveria mesmo estar no 2º segmento? Como tratar a produção desse aluno? Esse foi um dos questionamentos que os próprios professores e pedagoga apresentaram no conselho. Nesse momento pude juntamente com a professora Edna interferir e dizer que tentaríamos acompanhar o processo de leitura e escrita daquela turma, principalmente desses alunos com maiores dificuldades.

A pedagoga Heloisa Ivone nos alertou sobre o cuidado que devemos ter para não focar a atenção apenas para aquele aluno, sabendo também que todos os outros possuem suas respectivas dificuldades e que o professor regente deve juntamente acompanhá-los.

A professora de inglês, Isabelle, disse que numa atividade que ela solicitou a criação de uma frase de impacto, relacionada a temática Cidade Educadora que está sendo trabalhada, Gilmar foi criativo ao elaborar a seguinte frase: “O único lugar da cidade onde as pessoas estão unidas é num ônibus cheio”.

O professor de matemática também se manifestou e disse que o aluno possui aprovação em todos os quesitos da sua disciplina.

## **JULHO**

Ocorreu nesse mês uma reunião na casa do diretor da EMEF EJA “ASO”, Carlos Fabian, porque o mesmo havia retirado licença por motivos de saúde; não pude comparecer nesse encontro, soube depois por meio de uma conversa com a professora Edna que a solicitação após a reunião era para que eu retornasse para o 1º segmento.

Nesse mesmo mês, já no 1º segmento, considerando o contexto da Copa do Mundo que ocorreu, a professora de artes propôs, na primeira quarta-feira, uma atividade de criação de uma diferente bandeira para o Espírito Santo. Ela entregou

um texto digitalizado contendo a história da bandeira, escreveu as questões referentes ao texto no quadro e solicitou a resposta das questões no caderno. Além disso, os alunos puderam recriar uma bandeira para o Espírito Santo substituindo os dizeres: Trabalha e Confia, que ficam no centro da bandeira, por qualquer outra imagem e/ou mensagem do interesse deles.

O aluno Igor, 17 anos de idade, encontrou em alguma revista cedida pela professora uma imagem de um palhaço (considerado símbolo de aversão a polícia) e algumas balas de revólver; ele colou essa imagem no centro da bandeira e escreveu uma frase com a palavra “enludir”. Quando concluiu essa atividade, o aluno me mostrou timidamente o que tinha feito, perguntando se a frase estava correta; eu expliquei como escrever a palavra de acordo com a norma padrão e logo depois retruquei: mas você vai deixar essa imagem mesmo na bandeira? Ele de imediato respondeu: Isso é o que eu vejo, a única coisa que eu conheço.

Após essas palavras, “parei um pouco pra respirar e pensar no que falar” e respondi: Você agora está na escola, esse espaço é seu para conhecer coisas novas, conversar com diferentes pessoas e adquirir novas experiências. Fique a vontade para dialogar, tirar dúvidas, perguntar mesmo, quando não conhecer o significado das palavras e tirar qualquer outra dúvida. Igor agradeceu apenas com o olhar e Fábio, que estava próximo, entrou no assunto. Conversamos por todo o final da aula, sugeri que eles fizessem leituras dos livros que tem disponíveis na casa onde cumprem o regime de Liberdade Assistida.

Eles são também, além de tudo, alunos interessados em assistir mais aulas de informática; pensei na possibilidade deles utilizarem os computadores do NEJA, talvez montando um horário e/ou dividindo a turma. Falamos de suas condições e questões relacionadas a esperança e fé, eles saíram com outro olhar da sala de aula, pareciam satisfeitos.

No dia 14, acompanhando a aula junto com os professores Dayana (regente), Wadelsa (Educação Especial) e Francisco (Educação Física), pude perceber um desinteresse geral no início da aula, porque havia começado apenas com uma

pergunta: o que vocês entendem por cidade educadora? Os alunos simplesmente não respondiam e o professor continuou argumentando sobre a temática. Sabendo que a aula era de educação física, a maioria deles estava inquieta para caminhar na UFES; foi o que fizeram durante a segunda metade da aula. Apenas caminharam porque não tinha outros materiais para auxiliar na prática de brincadeiras ou esportes. Nesse mesmo dia aproveitei esse momento fora da sala e não os acompanhei, fui ao NEJA conversar com a Edna sobre a falta desses materiais e fui também a sala do OBEDUC tirar xerox do alfabeto em libras para aluna Lorena, que possui necessidades especiais. Lorena está conseguindo acompanhar as falas da professora e suas orientações durante a aula através da comunicação em libras. A professora Wadelsa descobriu que a mãe de Lorena tinha estabelecido com a filha alguns gestos imitando as letras e assim elas se comunicavam em casa. A partir disso, ela orientou que a mãe utilizasse a LIBRAS e passou a ensinar a Lorena, que está aprendendo com facilidade.

Entendo que um dos motivos para o desinteresse que descrevi acima tenha total relação com a falta de planejamento das duplas; tendo visto que o horário de planejamento anterior à aula não tem sido utilizado para isso, tanto que admito que chego na sala de aula no horário em que os alunos já estão presentes. Já experimentei chegar antes, porém a receptividade dos professores não colabora para uma reunião.

Na reunião do grupo de bolsistas de iniciação científica do dia 17 de julho a professora Edna ouviu relatos, passou informações e marcou uma reunião para organizarmos os tópicos centrais para focarmos o nosso objeto de pesquisa – a alfabetização – O processo de leitura e escrita dos alunos da EJA – 1º segmento/NEJA/UFES.

Inicialmente, a proposta é observar e registrar:

- Estratégias utilizadas em sala de aula;
- Foco nas produções escritas dos alunos;

- O que se tem feito no que se refere às práticas de leitura e escrita;
- Como tem sido incentivada a oralidade;
- Temática da escola x aprendizagem do aluno

No dia 22 de julho, acompanhei a aula de matemática juntamente com as professoras Wadelsa e Dayana. Wadelsa acompanhava Lorena, nessa aula foram cortando números e pedindo para que Lorena identificasse simbolizando com a mão e utilizando o material dourado para fazer as contas.

Diante das dificuldades para fazer o cálculo apresentadas pelos alunos, peguei o material dourado com a professora e os apresentei; eles viram e acharam interessante a substituição da contagem nos dedos e dos riscos no papel para a utilização do material dourado.

Sabendo da necessidade desse tipo de material, busquei no NEJA e encontrei duas caixas disponíveis para uso na sala de aula, porém por acompanhar a turma do 1º segmento apenas três dias na semana não consigo acompanhar as aulas de quinta-feira, que são as utilizadas pela professora para trabalhar a matemática com os alunos, pelo que observei.

No dia seguinte, 23 de julho, a professora de artes perguntou aos alunos quais cores e formas eles observavam no caminho para escola e vice-versa. A idéia da professora, o planejamento, segundo ela, era apresentar as cores primárias e secundárias. Isso na verdade foi praticamente apresentado na aula anterior, em que Dayana estava presente e Elisângela não pode participar. Mesmo assim a atividade seguiu com a mesma temática, porém abordada com um exercício diferente. Os alunos receberam 3 cores (primárias) no copinho descartável para misturar sob a folha chamex; rapidinho acharam as cores secundárias. Eu mesma os abordei e sugeri que fizessem as terciárias. As professoras não ficaram muito satisfeitas porque “a pedagoga as orientou que o conteúdo deve ser aplicado aos poucos”. Porém, eu contesto tal atitude, pois “trancar” determinado saber, afirmando que não se pode explicar além do combinado “porque o aluno não vai

absorver/entender” é altamente discriminatório. Acredito que isso é uma negação da capacidade cognitiva dos alunos.

## **AGOSTO**

O mês iniciou com um simples e importante passeio no Parque da Pedra da Cebola feito com a professora regente da turma e a professora de artes, guiando os três alunos do 1º segmento, únicos que estavam presentes nesse dia; esses estão no processo de liberdade assistida. São eles: Alex, Fábio e Jambson. É importante priorizar essas saídas pra estimular o interesse deles, principalmente, que se apresentam em sala de aula sempre na ânsia de passear por outros espaços além do Centro de Educação na UFES. O motivo do passeio foi uma atividade de observação dos espaços externos para identificação de diferentes formas geométricas e cores. Antes disso, nas atividades realizadas na sala de aula, trabalhamos a apresentação e o preparo de cores secundárias e terciárias.

No dia 05 de agosto, a professora pediu aos alunos para fazerem a leitura do texto que explicava o acróstico, gênero de composição poética que consiste em formar uma palavra vertical com as letras iniciais ou finais de cada verso. A proposta de produção do acróstico acompanhou a temática acessibilidade e cidade educadora. Os alunos participaram fazendo cada um o seu próprio acróstico, tendo como palavra central o próprio nome, e depois fizeram outro acróstico utilizando o nome do colega que a professora sorteou. Essa atividade permitiu uma maior interação entre eles.

No dia 07 nos reunimos no NEJA para conversarmos sobre pendências de relatórios e possíveis cobranças que serão feitas para apresentarmos no seminário local e no nacional. A professora frisou que é preciso dar maior importância ao conhecimento sobre a EJA no ES, o levantamento de perfis do 1º segmento e retomar os pontos pra análise que ela nos indicou no final de julho, ou seja, relacionados às estratégias e práticas da alfabetização.

Já no dia 08, sexta-feira, a reunião na EMEF EJA “ASO” foi inicialmente um planejamento para elaborarmos os objetivos do 2º trimestre. Foi o primeiro contato

que tive com a professora Raquel, do 1º segmento do Centro de Convivência; um exemplo de profissional bastante interessada no processo de aprendizagem dos seus alunos. As professoras Raquel, Dayana e Inara sentaram juntas para pensar e produzir esses objetivos, eu pude contribuir com algumas sugestões. Pensei e anotei algumas questões para problematizar, tais como: a escrita do cabeçalho diariamente; é necessária? Segundo as professoras, para integrar o conteúdo de história é preciso fugir um pouco da temática cidade educadora; por que não? Além disso, a necessidade de maior ênfase na leitura e escrita apresentada frequentemente pela aluna Creuza.

**Apesar dessa inquietação/vontade de falar o que chega até mim como questionamento, seja dos alunos ou até mesmo dos professores, preciso lembrar as palavras de Freire, que dizem: “Todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.**

No dia 18 de agosto iniciariam as aulas de todas as turmas de pedagogia do turno matutino no IC-IV, porém a reforma não foi concluída no prazo e foram adiadas para o dia 25, portanto as aulas do 1º e 2º segmento continuaram no prédio do PPGE. Não compareci nesse dia e o clima esquentou na turma, segundo os alunos que estavam presentes, Dona Geralda discutiu com uma aluna (que raramente frequenta a sala de aula) e por pouco não passaram mal as senhoras idosas presentes na turma.

No dia seguinte, a pedagoga Renata e o coordenador Henrique, também pesquisador OBEDUC estiveram na sala para escutar e conversar com os alunos. Antes da chegada deles, a aluna Creuza pediu auxílio na atividade e me presenteou com um bombom, fico feliz pelo entrosamento e a interação delas comigo. Creuza é uma aluna super interessada em aprender a ler e escrever; não resistiu e disse tudo o que pensava com relação a prioridade que ela precisa que seja dada ao processo de alfabetização.

Na quarta-feira, 20 de agosto, os alunos continuaram a atividade de artes, que trabalhou o tangram. Todos remontaram, fizeram tamanhos diferentes e etc.

No dia 21 de agosto, após reunião com o grupo de bolsistas, sob coordenação da orientanda Elizângela, onde discutimos questões de dias, horários e locais de pesquisa, **fomos assistir a palestra “Tendências das Políticas Educacionais nos diferentes níveis de ensino: possibilidades e tensões nos Institutos Federais” com o professor Dr. Gaudêncio Frigotto. Ao iniciar a palestra, Frigotto citou Eduardo Galeano, como ponto de partida, utilizando-se da frase que diz algo do tipo: “Vivemos num tempo que quando pensávamos ter todas as respostas, mudaram as perguntas”.**

**Frigotto também frisou que o conhecimento é cada vez mais propriedade para responder ao mercado, criticou os quatro termos que estão na moda: competência, empreendedorismo, sociedade do conhecimento e qualidade total (um absurdo humanamente) e disse no final: “para fazer um ensino de qualidade é preciso integrar conhecimento e não somar conhecimento. O conhecimento básico é vital. Uma boa base oferece milhares de alternativas. Tem que ter cultura, história. Não se faz nada as pressas. A cultura é um dado fundamental no negócio hoje. Segundo Frigotto, numa de suas últimas reflexões de destaque nessa palestra: Tem mercado de trabalho aquele jovem que até a Universidade não precisa pensar em mercado de trabalho”.**

No dia 22 de agosto, sexta-feira, na reunião da escola houve inicialmente um planejamento coletivo no qual a ênfase do diálogo era a rotina de sala de aula, desde a acolhida até o debate; passando por atividades e momentos de leitura; a idéia de trabalharmos diferentes gêneros textuais (a tal leitura com “qualidade”), foi sugerida a utilização de frases de impacto para problematizar o início da aula e as frases do dia (motivacionais). Após o planejamento, nos reunimos, todos do 1º segmento, numa chamada ‘oficina de alfabetização’. Foi bacana a experiência desse dia porque desafiou os educadores para além da rotina de planejamento, levou a novidade que deveria ser rotineira, que é a pesquisa e o debate sobre a alfabetização com os autores da educação. Desde as zonas de desenvolvimento de Vygotsky até as problematizações da prática social levantadas por Freire.

No dia 28 de agosto, aconteceu o “Seminário da Pessoa com deficiência” no auditório da Secretaria Municipal de Educação (SEME), evento esse que contou com a participação de todos os alunos dos diferentes segmentos da EMEF EJA “ASO”. A palestrante convidada foi Mariana Reis, que é colunista do jornal A tribuna, consultora em acessibilidade e é público-alvo da educação especial – cadeirante. Ela frisou na palestra pontos fundamentais sobre a limitação em que vive, não pela cadeira, mas pelos espaços da cidade/das cidades que impossibilitam a acessibilidade e etc. Interessante citar que a participação de Mariana foi de grande valia para impactar os alunos, os professores e os demais participantes e mostrar a possibilidade de atravessar barreiras na busca de diminuição da inacessibilidade. Devo ressaltar aqui também a participação dos alunos Diego e Marcos, ambos com necessidades especiais, participaram com alegria e direito a aplausos do momento de encerramento do Seminário.

## **SETEMBRO**

A primeira reunião do mês do grupo de bolsistas/graduandos OBEDUC foi no dia 04 de setembro e teve a participação da professora Karla R. de Assis Cezarino, que nos alertou sobre a proximidade da data do Seminário local, que acontecerá em outubro; nesse dia foram definidos quais seriam os mestrandos ou doutorandos que iriam acompanhar cada bolsista na produção do artigo.

No dia 10 de setembro, quarta-feira, dia em que geralmente a aula do 1º segmento é ministrada também pelo professor de artes, o mesmo não estava presente e a aula foi dada com atividades de matemática elaboradas pela professora regente da turma. Recorri ao NEJA para buscar o material dourado, importante ferramenta para facilitar a compreensão das atividades matemáticas; já que na maioria das vezes em que precisam fazer algum cálculo, esses alunos recorrem aos ‘risquinhos’ na folha. Ainda nesse dia, o coordenador Henrique esteve presente e no 2º momento da aula acompanhou os alunos para conhecerem a biblioteca central da Universidade. Nesse dia fiquei atenta a um fato muito importante: a impossibilidade de Lorena, que é cadeirante, circular nos

espaços da biblioteca que funcionam no 2º andar e não possuem acessibilidade, uma constatação que merece urgente correção/reforma.

No dia 16 de setembro, a proposta da aula foi a elaboração de um texto descritivo a partir de imagens retiradas de revistas. Hoje posso repensar tal prática com mais criticidade porque após assistir uma aula da disciplina Português – conteúdo e metodologia - conversamos sobre a utilização de imagens para formação de textos e a professora não aconselhou, justificando que o uso da imagem como geradora de texto limita a possibilidade de pensamento, criação e reflexão do sujeito *conhecedor do mundo*, tal como a professora Edna Castro os descreve remetendo aos ensinamentos de Paulo Freire. Auxiliamos Dona Isabel, Fábio e Jambson, porém passou despercebida a cobrança da leitura dos textos elaborados – fato que agora também já posso constatar como um erro, sabendo que um dos desafios a ser atingido naquele grupo é o da escrita e a oralidade, conforme os fatos já observados.

No dia 18 de setembro, quinta-feira, dia de reunião dos bolsistas, o encontro foi na EMEF EJA “ASO” para que os graduandos bolsistas OBEDUC pudessem apresentar para gestão da escola os seus respectivos relatórios. Iniciei o diálogo apontando falhas registradas no meu relatório que dizem respeito a prática das professoras que acompanham o 1º segmento NEJA/UFES, porém nesse encontro é que pude ter consciência de que o meu olhar como pesquisadora OBEDUC não deve ficar do “externo para o interno”, até porque eu já sou parte desse movimento. Ao ocupar o espaço da pesquisa-ação, temos que assumir o risco e buscar formas de intervenção que busquem solucionar os problemas daquele grupo.

A reunião de formação do dia seguinte, também na EMEF EJA “ASO”, foi intensa porque propôs na roda para análise o Projeto Político Pedagógico da escola. A pergunta inicial pediu a opinião dos professores sobre a formação das duplas. Eles discutiram coletivamente as duplas e levantaram suas opiniões dizendo que a escola precisa conversar mais com os professores antes da tomada de decisões! Assim como já havíamos constatado e compartilhado nas nossas conversas no

NEJA, o diretor da escola frisou que a demanda maior da escola é a leitura e a escrita. Uma das professoras presentes na formação sugeriu uma inovadora proposta para as turmas de 1º segmento: “a mistura de professores”, ou seja, a troca de profissionais nos espaços a cada semana ou trimestre. Outra proposta interessante foi a sugestão de organização de um Fórum dos alunos, para considerarmos a opinião e fazermos a escuta dos estudantes.

Dos dias 23 a 26 de setembro participei da comissão de apoio ao III Seminário Nacional de Educação Especial e XIV Seminário Capixaba de Educação Inclusiva; destaco como um dos dias mais importantes do evento a quinta-feira, 25/09, dia em que participei do Minicurso: Diferentes Abordagens Curriculares em Interface com a Perspectiva da Educação Inclusiva: Pensando o público-alvo da Educação Especial na EJA. Professores da escola apresentaram seus estudos de caso, antes disso Carlos Fabian provocava os ouvintes a pensar as questões da EJA, mais precisamente as funções, questionou os participantes sobre as opiniões contrárias ou favoráveis às cotas e prosseguiu no limite do tempo da apresentação.

No dia 26 de setembro aconteceu no município de Serra a 65ª edição do Fórum de EJA – ES e teve como tema: “Política estadual de educação no Campo: Diretrizes operacionais em debate”.

## **OUTUBRO**

No primeiro dia de outubro, numa quarta-feira, não fui para sala de aula. Fiquei no NEJA fazendo uma pequena análise do portal dos Fóruns EJA Brasil, justamente para pensar na escrita do resumo do portal já solicitado para o Seminário local; resumo esse que acabou sendo feito pela professora Edna Oliveira. Nesse dia estavam presentes: Gabriela, Celina, Guthier, Bruno e Adriele. **Tentei passar para Gabriela os movimentos já feitos no portal do Fórum ES.**

No dia 02 foi aniversário da Celina Motoki, reunimos parte da equipe OBEDUC e comemoramos no NEJA mesmo. No fim de tarde iniciei com Ana Gisele e Henrique um grupo de estudos sobre alfabetização, combinando encontros

semanais todas às quintas-feiras após as 18h. Nesse dia fizemos o estudo do texto sugerido por Henrique, “Alfabetismo, analfabetismo e neologismos”, de Nair Maria Balem.

No dia 03 de outubro, sexta-feira que antecedeu as eleições presidenciais, a pauta da reunião de formação da EMEF EJA “ASO” foi sobre as questões das eleições 2014; e diferente das demais reuniões quem a coordenou foi Henrique. A abordagem do discurso foi geral e de acordo com os levantamentos feitos pelos professores que discutiram e tiraram dúvidas sobre: união estável X casamento igualitário, direito de moradia X direito de propriedade e etc.

Interessante ressaltar que no burburinho de conversas que não chega na roda, existem pessoas que discordam do que lhes é apresentado, ou melhor, não se interessam pela pauta dialogada, mas também não levantam suas críticas ou sugestões para o grupo. Apesar de ter sido uma sexta-feira, foi o dia do planejamento do 1º segmento. Fomos orientados a conversar sobre o seminário a ser realizado pela escola no mês de novembro, detalhando vários conteúdos a respeito da religiosidade e cultura africana.

Na semana seguinte, especificamente no dia 07 de outubro, estavam presentes sete alunos na sala do 1º segmento; foi uma aula atípica, até porque a oralidade dos alunos teve destaque no que se refere à opinião dos mesmos sobre as questões políticas mais em evidência nesse mês e ano de eleições. Os alunos Elton e Arinaldo defenderam seus argumentos “de esquerda” e não se deixaram calar pela voz de uma professora defensora dos atendimentos a minoria. Entre as estratégias e práticas utilizadas nesse dia estão o alfabeto móvel (para ensinar língua portuguesa) e os encartes/anúncios de loja (para trabalhar matemática).

No outro dia, Sandro, professor de artes, disse que iria continuar trabalhando questões do livro didático. Parecia que não existia planejamento, mesmo assim ele sugeriu passar um vídeo sobre a história da cidade de Vitória, a partir da Praça Costa Pereira. Fui até a sala do NEJA, eles receberam bem a sugestão, notei que a utilização de vídeos é uma importante ferramenta para trabalhar diferentes

conteúdos e chamar a atenção dos jovens e adultos na EJA. Infelizmente, nesse dia o tempo da aula foi insuficiente para um diálogo mais aprofundado sobre a história da nossa cidade, mas deu pra iniciar a explicação de um conteúdo que os interessa.

Renata (pedagoga) iria à sala de aula conversar com alguns alunos, porém não pode ir, mas Rejane, Henrique e Heloisa estiveram presentes para conversar/atender aos alunos na sala do OBEDUC.

No dia 09 de outubro a reunião semanal do grupo de bolsistas foi para leitura e socialização de registros feitos a partir dos textos de Osmar Fávero.

Na sexta-feira a tarde, 10 de outubro, a reunião de Formação na EMEF EJA “ASO” foi marcada por momentos delicados na discussão de questões referentes as ações entre gestão e professores.

As perguntas da gestão geram reflexão e uma certa inquietação, o real sentido da pergunta: “Sobre nós: será que vamos ter que adotar o vigiar e punir?” exposta naquela reunião deve ser questionado. Posso também estar equivocada, até porque abaixo da pergunta foram registradas falas anônimas dos professores criticando as posições tomadas pela gestão em relação aos alunos.

Partindo da minha interpretação sobre a perspectiva foucaltiana, entendo que “Vigiar e punir” não caiba apenas nas relações professor X aluno, porém mais precisamente nas falas daquele ambiente de formação, na relação gestão X professor. Essa reunião também tratou do envolvimento ou não dos professores, sobre quais estratégias utilizar para melhorar e iniciou com a seguinte pergunta: o diálogo ali é realmente aberto?

Segue abaixo algumas falas interessantes que registrei vindas da **gestão**:

- “Estamos dispostos a tirar nossas certezas daquele regimento patético da PMV?”
- “Em que nos acreditamos?”

- “Quem não acredita na possibilidade de diálogo e quer ir para perspectiva punitiva tem que procurar outro espaço”
- “Uma parte considerável das nossas sugestões caminha para exclusão”
- “O turno vespertino tem especificidades. Temos que mexer nisso”!
- “O servidor pode evitar a fadiga. O educador pode?”
- “Uma coisa é me proponho a aprender, outra coisa é não fazer!”
- “Essa escola não é estática, nessa escola só se fala em conflitos. Os rostos mostram tensão. O desafio que está posto no projeto é o desafio da conversação. Qual é o efeito dessas 4 horas de sexta-feira aqui conversando?”
- “A escola é produto de uma história e de uma trajetória”.

E agora, fala dos **professores**:

- “Você só pode ser professor em sala de aula quando você tem autonomia. De alguma forma você vai errar”
- “O modo de falar interdita o outro”
- “Diálogo é estratégia ou é princípio? É uma técnica? É uma conversa?”
- “O que é resolver?”
- “Esses princípios que a escola acata não são os únicos do Universo”
- “Parece que o conflito é insuportável. A gente tem que saber suportar o conflito”
- “O PPP tem que ser um dispositivo de gerar conversa. A conversa gera estratégia”.

No dia 13 de outubro, participei de uma reunião na EMEF EJA “ASO” solicitada por Fabian, conversei com ele e Renata. Apontei a partir das minhas observações os pontos que exigem mais atenção no que se refere ao processo de alfabetização no 1º segmento. A idéia é reunir a equipe pedagógica.

Na quinta-feira, 16 de outubro, a reunião dos bolsistas OBEDUC foi voltada para o texto “A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado é o presente”.

No dia 20, sentei ao lado da aluna Dona Isabel durante a aula e a auxiliei nas atividades do livro que ela tentava fazer. No processo de escrita desses exercícios ela sempre tenta responder. Toda vez que faz, antes de mostrar para corrigirmos, ela já diz que não sabe, não consegue, diz que é difícil e que o que escreveu está errado, mesmo tendo escrito certo. Tento intervir e sempre digo: pense positivo, a senhora sabe é muita coisa, sabe andar, comer, falar, amar, procura sempre aprender. A insegurança e a timidez estavam impedindo avanços naquele momento. A proximidade que tenho com essa educanda fez com que ela repensasse aquela atitude, logo em seguida ela finalizou a atividade.

Nos dias 21 e 22 de outubro o movimento de pessoas no NEJA foi intenso devido a organização do Seminário PIBID ARTES/INGLÊS – UFES (Seminário Local). No dia 21 fizemos uma reunião na sala do OBEDUC para finalizarmos o resumo da nossa apresentação.

No dia 23, na mesa de abertura do Seminário estavam os professores: Guerda, Marcelo e Itamar. Ana Gisele, Henrique José e eu, apresentamos a nossa pesquisa em andamento: Alfabetização na EJA: estratégias e práticas.

No dia 24 participei como relatora dos trabalhos apresentados, classificados como relatos de experiência. Além disso, assisti à peça Cartola, formada por alunos do Ensino Médio de uma escola pública estadual no município de Vitória; esse teatro lindo fechou com o Seminário da melhor forma possível.

A reunião de formação dia 27 de outubro foi numa segunda-feira. Iniciou com falas sobre o seminário vespertino. Ana Gisele “provocada” por Fabian falou da apresentação. Os professores levantaram questões sobre a pesquisa OBEDUC. Fabian argumentou com os professores sobre a acolhida dos bolsistas, lançando a pergunta: e o pesquisador, como é recebido?

No planejamento apenas do 1º segmento no mesmo dia aconteceu um desentendimento entre pedagoga e professoras. A pedagoga argumentava com bastante precisão a necessidade do trabalho integrado que contemple temática e ACC's ao mesmo tempo. A professora disse que não conseguia trabalhar tudo ao mesmo tempo e a pedagoga voltou a argumentar: “temos que passar sim porque é lei, lei 10.639, lembra?”. Nesse diálogo outra professora interferiu dizendo que nada satisfaz a pedagoga, e é quase impossível ouvir elogio dela. Enfim, diante do que presenciei penso que ambas precisam dialogar de forma mais cautelosa, de modo que o trabalho da pedagoga não seja todo momento visto como imposição e o “poder ou não” fazer da professora aconteça num diálogo amigável (por mais que seja profissional) e “fora da lei” e se é pra se adequar a lei, que o processo seja prazeroso, para o resultado ser satisfatório e não hostil.

No dia 29 de outubro, quarta-feira pela manhã, aconteceu a reunião do grupo OBEDUC no PPGE; a pauta dessa reunião foi a avaliação do Seminário Local e os informes necessários da viagem pra Brasília que iria ocorrer na semana seguinte. Na avaliação foi dito que faltaram materiais para dialogar com o campo do materialismo histórico dialético, precisamos avançar nos estudos, na busca individual de leitura dos teóricos, tomando o materialismo histórico dialético como referência.

Ainda no dia 29, porém na sala de aula do 1º segmento os dois únicos alunos presente foram Fábio (16 anos de idade) e Isabel (57 anos de idade), o professor de artes passou um filme chamado Xadrez das Cores, que mostra cenas fortes do preconceito social e racial vividos por uma empregada doméstica e aspectos da sua religião.

A aula girou em torno da temática das ACC's: cultura afrobrasileira e religiões da Matriz Africana na cidade de Vitória. Após assistirem, o professor pediu para que eles falassem cenas que mais chamaram atenção, fizemos perguntas relacionadas as diferentes religiões e etc. Enquanto os alunos falavam, o professor escrevia apenas uma palavra de cada frase no quadro. Em seguida, pedimos aos alunos para circularem palavras aleatórias que íamos falando. Nesse

momento, fiquei impressionada com Dona Isabel, que quando pedimos para ler qualquer palavra no caderno diz que não consegue e naquela atividade no quadro circulava rapidamente, observei um avanço apenas na troca de atividade. No final, tivemos a ideia de fazer um ditado, mas que eles virassem as costas pro quadro, porque as palavras seriam as mesmas. Fábio acertou quase todas no ditado e Dona Isabel teve dificuldades, apesar de que agora ela já se mostra um pouco mais confiante.

Adultos não escolarizados conhecem bem o uso da escrita, sabem para que serve, onde é usada e, provavelmente, o que deve estar escrito nos diversos tipos de texto que existem [...]. Ao observamos o trabalho com a EJA, percebemos que as ações pedagógicas devem envolver o reconhecimento dos diferentes grupos sociais que não são escolarizados e seus saberes, entendendo que esses sujeitos já construíram visões de mundo, já desenvolveram estruturas a partir das quais compreendem a realidade. E sua própria inserção nela. (LEITE, Sérgio Antônio da Silva, 2013, p.77)

## **NOVEMBRO**

Considero novembro como o mês de reavaliação da minha própria prática, o momento em que sem querer a gente se dá conta de que estamos no fim de um período, as cobranças começam a ser feitas de nós para nós mesmos. Questionamos o tempo, a organização ou a falta de, os resultados! Ahn, os resultados, as respostas; será que temos?

No dia 04 de novembro, a sala de 1º segmento estava cheia, se comparada aos dias anteriores, porque oito alunos estavam presentes. Esses alunos compareceram porque foram convocados pela coordenação para retornarem a sala de aula. Os curtas (vídeos) exibidos nessa aula, todos ligados a questões raciais, fizeram emergir diálogos sobre racismo, consumismo e ascensão social. Além desses, exibimos imagens de cidades africanas altamente desenvolvidas e suas paisagens, na busca de desmistificar a ideia que a maioria desses alunos carregam, ou seja, acreditam que o cenário de toda a África é de extrema pobreza.

Na tarde de quarta-feira, dia 05 de novembro, estava presente na sala de aula do NEJA/UFES, com Wadelza, Dayana e Sandro. A proposta do dia já estava organizada por Sandro para trabalhar montagens de diferentes peças, sólidos geométricos, pintando e colando? Pensei o seguinte: como ir além? Qual seria a forma mais bacana? Como contextualizar o ensino cultural/cidades/geometria com outras disciplinas? “Toda pesquisa surge de uma pergunta”, já disse desde o primeiro período a professora Denise Meyrelles de Jesus.

Na sexta-feira, dia 07 de novembro, a tarde foi de socialização e planejamento entre os profissionais do 1º segmento, Henrique José coordenou a mesa e iniciou o diálogo falando do nosso processo de construção de um projeto de pesquisa, o tal ‘foco da pesquisa’, que por sinal ainda me inquieta, porque é complicado focar num só ponto quando o campo de pesquisa é tão amplo e heterogêneo, ou melhor, quando o pesquisador está cercado de perguntas. Observamos e falamos da vida real, do cotidiano, do aqui, do ali e do agora e tudo isso existe, mas para alguns parece que não. Observe as perguntas que formulamos nesse encontro:

- ✓ Os múltiplos olhares no campo da pesquisa sobre alfabetização: Qual o olhar do pesquisador (mestre/doutor) da Universidade para os alfabetizadores da EJA?
- ✓ A riqueza do diálogo que chega na sala, como aproveitar?

E seguimos, nos questionando sobre:

- ✓ Qual o real sentido de estar aqui?
- ✓ Qual o sentido da escrita no nosso país?

Temos que avançar!

No dia 10 de novembro exibimos um vídeo tratando da história de vida de Zumbi dos Palmares; essa aula acabou tomando um rumo diferente, se a ideia era tentar fazer um diálogo apenas em torno da cultura afrobrasileira e os quilombos existentes no Brasil, os alunos observaram os mapas dos continentes que

distribuímos e em seguida, o relógio de ponteiros se tornou objeto de curiosidade dos dois alunos presentes, que não sabiam “olhar as horas”.

Na reunião de bolsistas de IC na tarde de quinta-feira, 13 de novembro, iniciamos o estudo do livro “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire.

No dia 17 de novembro, segunda-feira, devido aos desencontros da semana anterior ocorridos entre Dayana e Wadelza, a aula da segunda não foi planejada, eu e Evandro tínhamos apenas as questões que elaboramos no planejamento. Enquanto Wadelza buscava contato da pedagoga Renata, a professora Sargimara chegou na sala com atividades, que segundo a mesma, foram enviadas por Rejane. Usamos o texto para dialogar com os alunos, porém carece de uma nova pesquisa porque está bastante desatualizado.

Na tarde de terça-feira, dia 18 de novembro, Dona Isabel chegou na sala com a atividade, texto da aula para ser terminado em casa, porém feito pela neta! O que fazer?

Voltamos ao processo de aplicação de questionários para levantamento dos perfis dos sujeitos da EJA.

Na reunião do NEJA de 25 de novembro, a pauta da reunião no laboratório do NEJA foi Formação para Aplicação do formulário na escola Hildebrando! Karla, Edna e Elizangela deram as orientações necessárias para aplicação, tiramos dúvidas e etc.

## **DEZEMBRO**

Na segunda-feira, 01 de dezembro, acompanhei a aula na sala do 1º segmento. Estavam presentes os alunos que mais freqüentaram o ano todo, entre eles o Jambson, menor, em processo de liberdade assistida que estava recluso e suspenso das aulas. Devido a uma resposta que dei a uma certa grosseria vinda desse aluno antes do afastamento do mesmo, ele parou de se dirigir a mim para perguntar qualquer coisa ou conversar e por isso não me senti a vontade para retornar.

No dia 11 de dezembro ocorreu o Seminário de apresentação das Atividades Complementares Curriculares da EMEF EJA “ASO” e no dia seguinte a movimentação dos trabalhos do núcleo ocorreu em Guarapari no 66º Fórum Estadual de EJA do Espírito Santo no Auditório Paulo Freire na Secretaria de Educação de Guarapari.

Finalizamos as atividades do ano numa reunião com os bolsistas de Iniciação Científica reavaliando as ações concluídas e as pendentes a realizar até a nova data do Seminário Nacional que foi remarcado para os dias 05 e 06 de fevereiro de 2015.

## **REFLEXÃO**

A alfabetização de jovens e adultos é um assunto que carece de atenção, pesquisa/investigação, bem sei disso e converso sempre com a professora Edna Castro de Oliveira; sabendo que é preciso retomar esse olhar investigativo, questionador e interessado, assim como o dela, no real processo de aprendizagem da leitura e escrita desses alunos que atravessam a EJA.

A falta de afetividade na relação de educador x educando; educador x educador, comumente questionada pelos alunos, fato que tenho observado na sala de aula é outra questão para análise.

É óbvio que durante o processo, tendo a possibilidade de acompanhar por três dias semanais as atividades do 1º segmento percebo que algumas limitações ocorrem independente da vontade das professoras; porque vai desde o desinteresse exagerado de um aluno, passando pela dificuldade na aprendizagem de outro, indo de encontro a um outro aspecto que é a facilidade dos outros; o ambiente é bastante heterogêneo. A professora habilitada para a Educação Especial trabalha com a dupla que carece de atividades diferenciadas e os demais são atendidos pela professora regente, que obviamente não dá conta de atender detalhadamente as necessidades de todo o grupo. Tentei até agora entrar nessas lacunas e colaborar no processo de escrita e leitura daqueles que mesmo timidamente, apresentam dificuldade e vontade de aprender. É um desafio, um

processo, um aprendizado mútuo e uma oportunidade de buscarmos alcançar positivos resultados a partir de uma mudança de posicionamento de todos, inclusive o meu.